**Eixo temático escolhido:** Diálogos do saber camponês e acadêmico por meio da agroecologia.

**A agroecologia como ciência ancestral**:

Um resgate necessário

**CAMPOS, Gabriel Marins1, FERREIRA, Adriana Amaral 2.**

**1**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

2 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

\**g4b.riel1002@gmail.com*

**Resumo**

Este trabalho em andamento investiga a institucionalização dos saberes ancestrais pela ciência moderna, examinando a resistência das narrativas agroecológicas tradicionais. As hipóteses centrais sustentam que a apropriação desses saberes pela ciência moderna restringe o debate à esfera acadêmica e à ciência convencional, alinhada ao pensamento capitalista. A pesquisa adota uma abordagem metodológica dialética e de natureza qualitativa. Assim, cabe refletir que os povos que resistem ao modelo hegemônico de desenvolvimento e vivem a agroecologia como uma cosmovisão desempenham um papel crucial na emancipação do modo de vida dominado pela mercadoria e de suas representações no pensamento ocidental. Os povos originários, cientistas ancestrais, devem ter seu saber preservado, reconhecido e transmitido, para além de suas tecnologias de manejo da terra, que é território de resistência crítica do capital e produção cultural emancipatória.

**Palavras-chave:** resistência; agroecologia ancestral; memória.

**Abstract**

This ongoing work investigates the institutionalization of ancestral knowledge by modern science, examining the resistance of traditional agroecological narratives. The central hypotheses argue that the appropriation of this knowledge by modern science restricts the debate to the academic sphere and conventional science, aligned with capitalist thinking. The research adopts a dialectical and qualitative methodological approach. Thus, it is worth reflecting that the peoples who resist the hegemonic model of development and live agroecology as a worldview play a crucial role in the emancipation of a way of life dominated by commodities and their representations in Western thought. Indigenous people, as ancestral scientists, must have their knowledge preserved, recognized, and transmitted, beyond their land management technologies, which represent a critical territory of resistance to capital and emancipatory cultural production.

**Keywords:** resistance; ancestral agroecology; memory.

**Introdução**

O contexto pós-moderno

[...] corresponde a uma fase do capitalismo onde a produção em massa de mercadorias padronizadas, juntamente com as formas de trabalho associadas a ela, têm sido substituídas pela flexibilidade [...]. [...] Em correspondência a essas inovações, profundas mudanças culturais têm ocorrido. Uma notável maneira de explicar essas mudanças, em especial na análise de Harvey sobre a pós-modernidade, está relacionada à “compressão do espaço-tempo”: a aceleração do tempo e a contração do espaço tornadas possíveis pelas novas tecnologias através de novas formas de telecomunicação; de novos, rápidos métodos de produção e de compra e venda; de novos padrões de consumo; de novos modos de organização financeira. Dessa realidade resulta uma nova configuração cultural e intelectual, denominada “pós-modernismo” (Wood, 2010, p. 39-40).

Que por sua vez é sustentado por uma ilusão de progresso e desenvolvimento, marcando a desvalorização e negação de tudo que é considerado "ultrapassado" ou pré-moderno, como postulado por Jameson (1997, p. 315 como citado em Marcelino, 2019, p. 78), em que “[…] a longo prazo, o moderno triunfa sobre e aniquila completamente o velho [...]. Agora tudo é novo, mas, pela mesma via, a própria categoria do novo perde seu sentido e torna-se [...] algo como um remanescente modernista”.

Dentro desse quadro, os saberes ancestrais — que são o foco deste estudo — enfrentam a redução de seu significado devido à institucionalização pela ciência moderna. Esta institucionalização tende a colonizar e “monocultivar” esses saberes, negando a diversidade de narrativas que compõem e definem tais práticas.

Essa característica reducionista é marca do projeto de desenvolvimento hegemônico, fundamentado na acumulação flexível do capital, que tende a individualizar as relações sociais em todas as suas dimensões, incluindo as mais diversas formas de saber(es), levando ao “‘epistemicídio global’, o qual eliminou várias formas de saberes locais e que é um limitador para o desenvolvimento que, deixado exclusivamente a cargo da ciência moderna, dá-se apenas dentro dos limites do capitalismo e da globalização [...]” (Santos, 2010, p. 8 como citado em Laranjeira et al*.*, 2019, p. 3).

No contexto do processo de produção de vida agroecológico, os saberes ancestrais podem e devem ser considerados científicos, uma vez que envolvem o desenvolvimento de tecnologias voltadas para o cuidado com a terra. Nesse sentido, Krenak (2021, p. 2) destaca que “os saberes da floresta, que são constituídos ao longo de séculos, transmitidos continuamente, testados, experimentados da mesma maneira que as práticas do laboratório, implicam teste, experiência, observação”. Esse conhecimento é obtido pelos Xamãs e Pajés, “[…] que viveram sua experiência continuada dentro da floresta, aprendendo com as plantas e com outros seres não humanos” (Krenak, 2021, p. 1).

Em contraste, o modelo hegemônico promovido pela ciência moderna está alinhado com o projeto predatório do agronegócio, sustentado pela modernização do meio rural advinda da Revolução Verde. Este modelo caracteriza-se pela “racionalidade econômica centrada no lucro, na produção em escala, na especialização funcional, no individualismo e na competição, rotulando como atrasadas todas as visões e vivências incongruentes com o paradigma agrícola moderno”(Toledo e Barrera-Bassols, 2015, p. 11).

Este reducionismo é nocivo para as culturas tradicionais principalmente pois “tal destruição produziu silêncios que tornaram impronunciáveis as necessidades e as aspirações dos povos ou grupos sociais cujas formas de saber foram objeto de destruição” (Santos, 2000, p. 30 como citado emParente, 2018, p. 2), destacando que as práticas de transmissão cultural desses povos e comunidades ancestrais ocorrem predominantemente de forma oral e comunitária, uma vez que eles detêm e preservam a memória da humanidade, e que nas palavras de Krenak (2023, p. 4) "as memórias, elas são universais, todo mundo tem memória. E seria até interessante a gente imaginar que, se a gente concorda que todo mundo tem memória, a gente também pode considerar que nem todo mundo se lembra que tem memória”. Portanto, é uma herança ancestral comum a todos nós, uma habilidade natural humana, mas que a sociedade da mercadoria esqueceu e segue destruindo.

Diante desse contexto, o presente estudo examina a resistência das narrativas ancestrais do modo de vida agroecológico frente aos processos de institucionalização do saber popular pela ciência moderna. Para tanto, serão analisadas obras como “A memória biocultural” e “A queda do céu”, além das considerações de autores como Ailton Krenak e Bruno Latour. Posteriormente, ao final da pesquisa, serão abordadas narrativas ancestrais concretas que fundamentam as práticas agroecológicas, reconhecendo-as como uma forma de ciência no desenvolvimento de tecnologias de cuidado com a terra, bem como os povos que a praticam como cientistas. Subvertendo, assim, o sentido hegemônico atribuído pela ciência moderna.

**Metodologia**

O presente estudo emerge a partir de investigações no campo da agroecologia, tema central da minha monografia, com o objetivo de aprofundar e desmembrar essa temática ampla. Para delimitar o objeto de estudo, realizei inicialmente uma pesquisa exploratória sobre o tema, identificando lacunas na forma como a agroecologia vem sendo debatida. Nesse sentido, utilizei palavras-chave como “agroecologia ancestral” para a busca de referencial bibliográfico. Acrescento ainda minhas experiências formativas no campo da Agroecologia, como membro do projeto de extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) “Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular” (GECEP), e as experiências nos territórios de produção agroecológica da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro: Coletivo Empório da Chaya e Assentamento Terra Prometida, sob orientação da professora e co-autora deste trabalho, Adriana Amaral Ferreira. A hipótese inicial que orientou a investigação foi a desvalorização dos saberes ancestrais em função de sua apropriação pela ciência moderna, o que restringe o debate à esfera acadêmica e à ciência convencional, predominantemente alinhada ao pensamento capitalista e eurocêntrico. Para analisar tal problemática, optei por uma pesquisa de natureza básica, uma vez que o objeto de estudo possui um caráter emancipatório, com perspectivas de impacto a longo prazo. Em relação aos objetivos, o estudo se configura como uma pesquisa exploratória, ainda em andamento. Os procedimentos metodológicos adotados incluem a pesquisa bibliográfica, escolhida em função de seu extenso referencial teórico e menos recursos em comparação à pesquisa de campo, mas que também cumpre de forma exitosa para a coleta de dados. Por fim, a abordagem metodológica empregada é de natureza qualitativa em razão da sua maior abrangência de análise em sua totalidade.

**Resultados e discussão**

Na contemporaneidade, observou-se um certo distanciamento no discurso da agroecologia, que tem sido apropriada pela ciência hegemônica, perdendo o seu sentido como prática histórica dos povos e comunidades originários e tradicionais, que “[…] surgiram no decorrer de séculos de evolução biológica e cultural. Eles representam as experiências acumuladas de […] [interação] com o meio ambiente […]” (Brokenshaw, Warren e Werner, 1979 como citado em Altieri, 2008, p. 29).

Em outras palavras, a agroecologia, que anteriormente não possuía uma nomenclatura específica, representava em sua totalidade um modo de vida que garantiu e ainda garante a sobrevivência e existência desses povos, considerando que “as sociedades tradicionais são definidas como grupos humanos culturalmente […] com modo de vida reproduzido […] [na] relação direta com a natureza” (Diegues e Arruda, 2001 como citado em Batista, Paula et al., 2019, p. 3), utilizando práticas de manejo voltadas ao cuidado com a terra que perduram até os dias atuais.

Nessa linha, esse deslocamento faz com que o debate sobre a agroecologia se torne restrito, uma vez que a própria ciência moderna é, em muitos casos, limitada a espaços acadêmicos e a discussões entre acadêmicos.

No processo de resgate dos saberes tradicionais como elementos científicos, resaltamos a interpretação da relação entre cultura e natureza por Lévi-Strauss (1962, p. 32 como citado em Toledo e Barrera-Bassols, 2015), identificando duas tradições intelectuais denominadas “ciência neolítica e ciência moderna”. Posteriormente, essa categorização foi reinterpretada e ampliada para três modalidades de conhecimento ao longo da história da humanidade: “uma ciência paleolítica, anterior ao advento da agricultura e da pecuária, uma ciência neolítica, de 10 mil anos atrás, e uma ciência moderna, cuja idade remonta há apenas 300 anos [...]” (Toledo e Barrera-Bassols, 2015, p. 87).

Desse modo, é fundamental considerar a matriz postulada pelo autor, que caracteriza os conhecimentos tradicionais (Tabela 1), os quais podem ser classificados como científicos devido ao desenvolvimento de técnicas complexas que demandam um elevado grau de curiosidade e observação, relacionados tanto aos aspectos ligados aos elementos da natureza e sua utilidade, quanto aos eventos naturais e fenômenos de caráter astronômico, físico, biológico e ecogeográfico:

[...] para elaborar técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitem cultivar sem terra ou sem água; para transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos ou ainda utilizar essa toxicidade para a caça, a guerra ou o ritual, não duvidemos de que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma pequena fração das observações e experiências (sobre as quais é preciso supor que tenham sido inspiradas antes e sobretudo pelo gosto do saber) podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis (Lévi-Strauss, 1962, p. 32 como citado em Toledo e Barrera-Bassols, 2015).



**TABELA 1.**  Eixos referenciais que situam os saberes tradicionais.

Fonte: Toledo e Barrera-Bassols (2015).

**Conclusões**

É imperativo destacar a necessidade de um resgate da memória, de modo a revitalizar as práticas agroecológicas, não apenas em seus aspectos técnicos, como as práticas de cultivo e manejo da terra, mas também como um modo de vida que possa abrir novos caminhos para a humanidade e promover uma emancipação da dicotomia entre cultura e natureza, tão defendida pelo sistema capitalista, entendendo-as como elementos que se inter-relacionam. Trata-se, portanto, de um resgate que nos realinhe a uma conexão harmoniosa com a natureza. Para alcançar tal objetivo, é crucial que se rompa com os paradigmas que sustentam a ideia de desenvolvimento hegemônico, e em contrapartida, direcionar nossos sentidos para as florestas, campos e rios, a fim de aprender e reintegrar os conhecimentos ancestrais que nos trouxeram até o presente.

**Referências bibliográficas**

Altieri, M. (2008). A agroecologia dos agroecossistemas tradicionais. In *Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável* (5ª ed., pp. 29-40). Editora UFRGS. Porto Alegre.

Batista, L. P. de P., et al. (2019). Saberes tradicionais e a ciência moderna. In *Anais VI CONEDU*. Realize Editora. Recuperado de <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62579>. Acesso em 30 de agosto de 2024.

Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. Companhia das Letras.

Krenak, A. (2023). *Memória não queima*. Rio de Janeiro: Dantes Editora: Cadernos Selvagem.

Krenak, A. (2021). *Um raio caiu bem aqui do lado*. Rio de Janeiro: Dantes Editora: Cadernos Selvagem.

Laranjeira, N. P., Carcelle, S., de Miranda, D., Sá, T. D. A., Trento, L. G., Souza, T. S., & Cardoso, I. M. (2019). Para uma ecologia de saberes: Trajetória da construção do conhecimento agroecológico na Associação Brasileira de Agroecologia. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 14(2 Esp.), 66. <https://doi.org/10.33240/rba.v14i2.22959>.

Marcelino, G. H. (2019). FREDRIC JAMESON, teórico da pós-modernidade. *PráxisComunal*, 2(1). ISSN: 2596-1020.

Parente, F. (2018). A moderna e ancestral agroecologia: A construção do conhecimento agroecológico por meio do diálogo de saberes. *Cadernos de Agroecologia*, 13(1). Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF. <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/1>.

Toledo, V. M., & Barrera-Bassols, N. (2015). *A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais* (1ª ed.). São Paulo: Editora Expressão Popular.

Wood, E. M. (2010). Modernidade, pós-modernidade, ou capitalismo? *Revista Discenso, 2*, 37-58. Florianópolis.